

Estatal Lula se reúne com ministros e presidente da empresa para atenuar impactos da decisão de não distribuir remuneração extra a acionistas

Crise do dividendo aumenta pressão sobre Petrobras

Fábio Courto, Karim Leal, Fábio Murakawa e Rafael Bitencourt
Do Rio e Brasília

A crise dos dividendos da Petrobras se aprofundou nesta segunda-feira (11) e aumentou a pressão sobre o governo e a empresa em torno de uma solução para o tema. Ontem circularam, nos bastidores, informações segundo as quais poderia ser revertida a decisão anunciada pela estatal na quinta-feira (7) de não distribuir remuneração extra aos investidores. Passou-se a considerar a possibilidade de um entendimento que leve os acionistas, em assembleia no dia 25 de abril, a analisar a distribuição parcial ou total do dividendo extraordinário relativo ao quarto trimestre do ano passado.

O cenário ganhou força diante da repercussão negativa e dos efeitos da retenção dos dividendos adicionais. Depois de bater o recorde de R\$ 571,4 bilhões de valor de mercado em 19 de fevereiro, a Petrobras reverteu parte dos ganhos nos últimos dias. Daquela data até o fechamento de sexta-feira (8), a companhia havia perdido R\$ 93,9 bilhões. Considerando o fechamento de ontem, a perda acumulada, desde 19 de fevereiro, subiu para R\$ 100,5 bilhões.

Na semana passada, o colegiado da estatal frustrou os investidores ao decidir encaminhar sobras de lucros para uma reserva de capital em vez de repassar a quantia para os sócios da Petrobras, incluindo o próprio governo, que é o controlador da estatal e também se beneficia dos dividendos pagos. Os dividendos extraordinários aumentariam a arrecadação primária do governo federal entre R\$ 6 bilhões e R\$ 12 bilhões, afirmou ontem uma fonte da equipe econômica da União ao Valor. Os dividendos em questão dizem respeito ao quarto trimestre do ano passado.

Ontem, em uma tentativa de acalmar os ânimos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se reuniu, em Brasília, com os ministros das Minas e Energia, Alexandre Silveira e Fernando Haddad, e da Casa Civil, Rui Costa, além do presidente da Petrobras, Jean Paul Prates. Em redes sociais, Lula elogiou a reunião com os ministros e Prates sem fazer referência à crise: "Boa reunião com o presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, os ministros Fernando Haddad, Alexandre Silveira e Rui Costa e a diretoria da empresa. Conversamos sobre investimentos em fertilizantes, transição energética, enfim, no futuro do nosso país."

Depois da reunião, Haddad afir-

Ação da estatal reage
Cotação dia a dia em 12 meses - R\$/ação



Variações
-1,30% No dia
-11,19% No mês
82,56% 12 meses

R\$ 100,5 bilhões

Foi a perda de valor de mercado da Petrobras desde o último recorde até ontem

Fonte: B3 e Valor. Elaboração: Valor Data

ou que a retenção dos dividendos da Petrobras em reserva não compromete o resultado primário do governo central. Segundo o ministro, a pasta "não está pressionando para um lado ou para outro". "No Orçamento da União, constam dividendos ordinários. Fazenda não fez Orçamento [de 2024] contando com dividendos extraordinários", disse Haddad no começo da noite de ontem.

"Se vierem, melhorarão o Orçamento; mas não estamos contando com isso", completou o ministro. Disse, ainda, que várias estatais tiveram dividendos superiores ao esperado, por isso o valor que consta no Orçamento já será superado, mesmo sem os dividendos extraordinários da Petrobras. Ainda segundo o ministro, a reunião no Planalto foi para tratar do plano de investimento da empresa. "Ficamos duas horas ouvindo a Petrobras, que mostrou seu plano de investimento e nós ficamos oportunamente surpreendidos com o que ouvimos", disse Haddad.

A discussão sobre os dividendos da Petrobras vem desde a campanha eleitoral de 2022, quando Lula criticava a petroleira pelos montantes pagos aos acionistas, indicando que seria preciso reduzir os valores para que a empresa investisse mais. Executivos da indústria dizem que esse é um falso dilema, uma vez que, para aumentar os investimentos é preciso ter em carteira projetos com taxa de retorno acima do custo de capital. Do contrário, se destrói valor da companhia, como aconteceu quando a Petrobras cresceu além de sua capacidade e acumulou a maior dívida corporativa do mundo.

Ontem Lula voltou à carga sobre o tema em entrevista ao "SBT". "É muito engraçado. Às vezes, eu vejo notícias assim: 'Petrobras cresce 30%', 'Petrobras bate recorde de produção de gasolina', 'Petrobras bateu recorde de exportação de petróleo', 'Petrobras bateu recorde de arrecadação'. E a gente não ganha nada com isso", disse Lula. E continuou: "Tem que pensar o investimento e em 200 milhões de brasileiros que são donos ou sócios dessa empresa. O que não é correto é a Petrobras, que tinha que distribuir R\$ 45 bilhões de dividendos, querer redistribuir R\$ 80 bilhões. E R\$ 40 bilhões a mais que poderiam ter sido colocados para investimento, fazer mais pesquisa, mais navio, mais sonda... Não foi feito."

Na quinta-feira (7), a Petrobras anunciou lucro de R\$ 124,6 bilhões em 2023 e comunicou também ao mercado que tinha aprovado R\$ 14,2 bilhões em dividendos relativos ao quarto trimestre do ano passado. O valor a ser distribuído em duas parcelas (maio e junho) não inclui pagamentos extras, uma vez que a empresa optou por enviar R\$ 43 bilhões em sobras de lucro para a reserva, criada com a finalidade de garantir o pagamento de dividendos futuros. Essa reserva é motivo de polêmica desde que foi criada, ano passado.

Lula falou ao SBT em momento em que se evidencia um racha no conselho de administração da Petrobras, controlado por pessoas ligadas ao ministro de Minas e Energia com as quais o presidente da Petrobras diverge desde o começo da gestão. Na quinta-feira, a diretoria da estatal, comandada por Prates, propôs pagar aos acionistas metade dos R\$ 43 bilhões em dividendos extras e destinar a outra metade para a reserva de capital.

Os conselheiros vinculados ao MME mais a representante dos empregados votaram contra a proposta, enviando todo o dinheiro para a reserva de capital. Prates se absteve e os quatro conselheiros que representam acionistas minoritários votaram a favor do dividendo adicional. Como resultado, as ações da estatal caíram mais de 10% só na sexta-feira (8) e a empresa perdeu R\$ 55 bilhões em valor de mercado.

Também depois da reunião com Lula, o ministro de Minas e Energia admitiu que o conselho de administração da Petrobras pode voltar a reavaliar a decisão de reter os dividendos extraordinários "em momento oportuno". "Os recursos apurados de lucro que não são obrigatórios de serem divididos forçaram de uma conta de contingência, que remu-



Jean Paul Prates: executivo negou rumores de que poderia deixar cargo e disse que tema não entrou na pauta com Lula

nera o capital, e que no momento oportuno o conselho pode reavaliar a possibilidade de dividir parte ou a totalidade." Silveira afirmou ainda que a decisão sobre os dividendos é "clínica".

Ontem, fontes próximas da estatal disseram ao Valor que a reunião do conselho da empresa, na quinta-feira (7) deixou a "porta aberta" sobre a destinação dos recursos enviados à reserva de capital. Agora a destinação para essa reserva precisará passar pelo crivo dos acionistas em Assembleia Geral Ordinária (AGO), no dia 25 de abril. Segundo fontes, existem algumas possibilidades na reunião dos investidores da companhia no próximo mês. A assembleia pode ratificar a proposta do conselho e direcionar os recursos para a reserva de capital ou optar pelo pagamento do dividendo extra.

"O uso da reserva para outra finalidade pode trazer ruídos"
Ilan Arbetman

De acordo com as fontes, se a alternativa for pela destinação para a reserva, o dinheiro iria para o caixa geral da empresa e poderia vir a ser usado para investimentos, como quer o governo. A diretoria da Petrobras negou, na semana passada, que o dinheiro da reserva possa ser usado para investimentos. Teria finalidade específica, o pagamento de dividendos no futuro. Na assembleia, porém, pode haver discussões sobre o tema.

A Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN), que representa a União, pode acatar ou não a decisão do conselho de administração da Petrobras, disseram fontes. Segundo esses interlocutores, o colegiado da estatal já havia indicado na própria quinta-feira que estudaria mais detalhadamente o assunto da destinação dos dividendos.

Ao comentar os resultados contábeis da Petrobras no quarto trimestre, na sexta-feira (8), o diretor financeiro e de relações com investidores da empresa, Sérgio Caetano Leite, descartou a possibilidade de incorporar os R\$ 43 bilhões ao capital social da companhia ou usar o dinheiro para reversão de prejuízos. Ambas as possibilidades, segundo ele, estão previstas em normas contábeis, mas a diretoria da Petrobras não considera seguir por esse caminho.

Os diretores da Petrobras reiteraram ainda, na sexta-feira (8), que a reserva de capital será destinada exclusivamente para pagamento de dividendos, mas reconheceram que essa é uma decisão da assembleia. Leite disse ainda que a reserva de capital nem sequer faz parte do balanço de 2023, uma vez que a AGO precisará aprovar a destinação dos recursos.

Para o BIT Pactual, fica claro que o governo vê o pagamento dos dividendos como algo que "prejudica a capacidade da Petrobras em elevar os investimentos e crescer". "A questão daqui para frente é se a gestão atual consegue convencer o acionista controlador do contrário. Essa é uma parte fundamental do quebra-cabeça para compreender se ainda há esperança de que a Petrobras pague mais do que acumula, ou se o governo buscará mecanismos para acelerar investimentos além do anunciado no plano estratégico."

Ilan Arbetman, analista da Ativa Investimentos, considera que não deve haver mudanças sobre a decisão do dividendo a curto prazo. Essa discussão, pondera, traz insegurança aos investidores: "A utilização dessa reserva para qualquer outra finalidade que não seja a de remunerar o acionista pode trazer ruídos. Mas fica claro que o conselho quer se mostrar mais conservador sobre os dividendos".

O Goldman Sachs acrescentou, por sua vez, que é crescente o risco de interferência do governo na Petrobras. Em relatório, os analistas Bruno Amorim, João Frizo e Guilherme Costa Martins, afirmam que a decisão deixa preocupações de que os próximos passos da estatal sejam ainda menos amigáveis aos acionistas. No entanto, o banco pondera, com base em outras decisões recentes da Petrobras após desentendimentos com o governo, que o estresse da ação pode não durar muito tempo, uma vez que os

fundamentos da companhia permanecem estruturados. Tanto a geração de caixa quanto o desempenho operacional da Petrobras, assim como o pagamento de dividendos dentro da regra, asseguram que a percepção de risco pode não se sustentar a longo prazo.

A crise dos dividendos se insere em um contexto mais amplo de tentativa de intervenção do governo federal em empresas estatais e privadas. A Petrobras é um caso emblemático, mas não o único. Desde o ano passado, o Planalto vem tentando interferir na sucessão do presidente da Vale, empresa que foi privatizada em 1997. Ontem o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, disse ao jornal "O Globo" que o governo federal precisa observar "limites" na atuação em empresas em que é acionista como Vale e Petrobras. "Se a União é parte interessada como acionista, em tese é legítimo ao governo se posicionar, mas deve compreender seus limites de atuação considerando a governança das empresas e a independência delas. Não digo que o governo os ultrapassou porque não conheço a situação. Digo apenas que eles precisam ser observados". Especialistas dizem que é difícil para empresas, mesmo do porte de Vale e Petrobras, passarem incólumes em suas políticas de governança a pressões como as que o governo vem fazendo.

O advogado Maurício Moreira Menezes criticou a tentativa de interferência. "Quem decide sobre a distribuição de dividendo é a assembleia geral. Isso está na lei e, obviamente, no estatuto da Petrobras. Se previamente a essa assembleia já existe uma interferência política para definição dessa proposta, que deveria ser da administração, isso toma o direito dos acionistas vulnerável."

Ontem à noite o ministro de Minas e Energia negou uma possível saída de Prates da presidência da Petrobras por conta de mais esse desgaste, atribuindo as informações a "uma grande especulação". Prates, por sua vez, disse ao jornal "O Globo", depois do encontro, que continua no cargo e que uma possível troca não foi discutida com Lula. (Colaboraram Jéssica Sant'Ana, Estevão Tajar, de Brasília, e Rafael Rosas, do Rio)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil Caderno: A Pagina: 4